

CARACTERIZAÇÃO DA PECUÁRIA LEITEIRA DOS PRODUTORES DA ASSOCIAÇÃO AÇÕES UNIDAS DO ASSENTAMENTO ANHUMAS, EM CASTILHO-SP. Francine Vercese, Antônio Lázaro Sant'Ana, Juliana Chaves Buoze, Thays Floriano Bezerra. – Zootecnia – Departamento de Fitotecnia, Tecnologia de Alimentos e Sócio-Economia – Faculdade de Engenharia – Campus de Ilha Solteira.

A pecuária leiteira no Brasil é uma atividade de significativa importância no âmbito nacional, tanto na ótica econômica quanto na social. A produção de leite é de grande valor na formação do produto agropecuário (PIB agropecuário), emprega grande contingente de mão-de-obra, tem considerável peso no cálculo dos índices de custo de vida e orçamento familiar, além de fornecer matéria-prima para uma grande variedade de indústrias de alimentos (YAMAGUCHI et al., 2001). Nas despesas com alimentos das famílias brasileiras que recebem até dois salários mínimos, o leite aparece no segundo grupo de alimentos com maior peso (FONSECA e MORAIS 1999).

No Brasil, a maior parte dos produtores de leite é tipo familiar, cerca de 75% segundo Ribeiro (2004). A agricultura familiar carece de incentivos por parte do governo, o que contrasta enormemente com países da Europa onde eles são fortemente subsidiados (MEDEIROS et al, 1994).

O objetivo do presente trabalho foi caracterizar o sistema de produção da pecuária leiteira, utilizado pelos produtores ligados à Associação Ações Unidas do Assentamento Anhumas que recolhe o leite em um tanque de resfriamento comunitário e comercializa o produto com a agroindústria.

Foi aplicado um questionário abrangendo 27 produtores (representando 80% da produção da Associação) no mês de julho de 2006 e levantados os seguintes itens: mão-de-obra envolvida com a pecuária de leite, contratação de mão-de-obra, culturas utilizadas na produção de leite, benfeitorias e instalações, dimensionamento e evolução do rebanho, padrão racial da propriedade, procedência da reposição de matrizes, índices zootécnicos e destino da produção, tecnologia e sanidade, tempo aproximado do início da ordenha até o momento da entrega no tanque, anotações realizadas pelos produtores sobre ocorrências de eventos na pecuária leiteira e pretensão de melhorias na atividade leiteira do lote. Em seguida os dados dos questionários foram tabulados e analisados.

De acordo com a pesquisa foi possível constatar que a maioria das famílias possui de duas (29,6%) a três (37,0%) pessoas envolvidas na atividade leiteira, apresentando uma média de 2,4 pessoas por família. Dos 27 entrevistados apenas três mencionaram a contratação temporária para as atividades relacionadas com o leite, quando há uma sobrecarga no serviço tanto na atividade leiteira como em outras atividades desenvolvidas no lote.

De uma forma geral, o maior percentual de pessoas envolvidas na atividade leiteira está relacionado com a limpeza (utensílios/curral) e trato dos animais com 84,4% cada, seguido pela ordenha, com 75% e higiene/sanidade, com 67,2%. Em relação à atividade das mulheres na pecuária leiteira, pode-se inferir que a maioria está relacionada com atividades de higiene/sanidade animal, auxiliando nos cuidados com bezerro, na aplicação de medicamentos e vacinas. Os homens estão envolvidos na maioria das atividades questionadas.

Em relação às culturas utilizadas na produção de leite, na totalidade dos lotes, a pastagem predominante é o capim colônia (*Panicum maximum*), sendo que alguns plantaram pequenas áreas com a variedade melhorada denominada Tanzânia. A braquiária (*Brachiaria sp*) também esteve presente como volumoso nos lotes em uma proporção significativa. No período seco, são fornecidos como volumosos, no cocho, em maior proporção a cana-de-açúcar, seguido do Capim Napier (*Pennisetum purpureum*). Estas culturas são cultivadas no próprio lote e em alguns casos são adquiridos de outros assentados (familiares, amigos) por meio de compra ou por empréstimo. O milho é o concentrado utilizado com maior frequência no período da seca, fornecido sob a forma de “rolão” (espiga inteira com grãos e sabugo) para os animais. Outros concentrados como o farelo de milho, de soja e de algodão também foram mencionados, porém na maioria dos casos são utilizados em pequenas quantidades, como se fossem “alimentos curativos”.

Há pouca diversidade de atividades, em quase a totalidade dos lotes pesquisados a principal renda monetária é obtida através da atividade leiteira. Nas culturas destacaram-se o cultivo do feijão, seguido do algodão. As hortas estão presentes em onze lotes e a plantação de mandioca em apenas dois lotes, ambas para a subsistência. Quanto às criações, destacaram-se a avicultura (criadas soltas, aves tipo caipira) com pouco mais de oitocentas cabeças (em média 30 cabeças por lote), e a

suinocultura, com oitenta e quatro animais (3 cabeças em média por lote) e a criação de equinos com quarenta e duas cabeças, utilizados em diversos trabalhos no lote. Parte das culturas de feijão, milho e das criações de aves e suínos são utilizados para melhorar a dieta da família (autoconsumo) e outra parte é vendida.

A água provém de poços artesianos ou poços comuns. Em dezessete lotes os poços são tipo cacimba, oito recebem água do poço artesiano localizado na sede e um utiliza o rio que passa pelo lote.

O rebanho é formado basicamente por animais mestiços (Zebu cruzado com Holandês) com características mais próximas da raça holandesa (de acordo com declaração dos produtores). Em relação aos touros reprodutores há uma característica mais voltada para o holandês em comparação aos demais; além dos mestiços (Zebu/Holandês), os produtores citaram outras raças como Tabapuã (três animais), Nelore (três), Guzerá (dois), Holandês (um), Gir (um), além de três da raça sintética Girolando e um cruzado Gir X Nelore.

Os produtores apresentaram dificuldade ao tentar identificar o grau de mestiçagem do rebanho. O cruzamento com touros em sua maioria das raças zebuínas coloca em dúvida a declaração dos produtores de que a progênie continuaria a ter predominância de sangue holandês. Este fato torna-se mais preocupante, pois foi verificado que a reposição de matrizes é realizada por 74,1% dos produtores a partir do rebanho do próprio lote, 11,1% através da aquisição de animais de outros produtores e 14,8% utilizam uma parte da reposição das matrizes a partir do plantel da propriedade e outra parte adquirem de outros produtores. A reprodução é realizada através da monta natural.

No caso dos produtores pesquisados do Assentamento Anhumas pode-se observar pela análise da Figura 1 que a sazonalidade da produção é extremamente alta. Enquanto no período da seca 63% dos assentados produziram em média até 40 litros por dia, no período das chuvas 89% dos produtores produziram em média mais de 40 litros por dia, sendo que quase 30% atingiram produção diária média superior a 100 litros.

A produtividade de leite/vaca/dia referente ao mês de julho de 2006 pode ser verificada na Figura 2. Dentre os produtores pesquisados 40,7% apresenta produtividade média de 6,1 a 8,0 litros de leite/vaca/dia; outros 40,7% tem produtividade menor do que 4,0 litros/vaca/dia; e somente 18,5% alcança uma média acima de 8,0 litros/vaca/dia. Vale ressaltar que a produtividade foi referente ao período seco, em que a produtividade é menor quando comparada ao período das chuvas, devido principalmente à escassez de alimentos (pastagens) e inadequação da suplementação oferecida aos animais no cocho.

Quanto ao grau de utilização de técnicas de produção e de controle/prevenção da sanidade do apenas um produtor (3,7%) confirmou a utilização de inseminação artificial no manejo reprodutivo, o concentrado é utilizado em apenas 55,6% dos lotes, a rotação de pastagens em 59,6% dos lotes, com uma média de 4,5 divisões de pasto por lote. Quanto às medidas relacionadas à mastite (mastite como também é conhecida) apenas quatorze (51,9%) utilizam a caneca telada, 55,6% fazem a lavagem dos tetos (cinco produtores utilizam um pano molhado para a limpeza dos mamilos o que pode agravar a contaminação do rebanho, em caso de suspeita de mastite). A ordenha é feita manualmente, 88,9% realizam a ordenha uma vez por dia e apenas 11,1% duas vezes por dia.

O resfriamento do leite, uso de sal mineral na alimentação animal e o controle de carrapatos/bernes são efetuados por todos os proprietários. Em relação ao uso de medicamentos, 96,3% dos proprietários fazem uso de vermífugos e 51,9% utilizam produtos relacionados ao controle de mastite. Quanto às vacinas, 96,3% realizaram a vacinação contra a aftosa; 88,9% vacinaram contra a Brucelose; 51,9% contra a Manqueira/Carbúnculo, 48,2% contra o Paratifo dos bezerros (diarréia) e 11,1% contra a IBR- Leptospirose.

Os produtores foram questionados quanto à pretensão de melhorias na atividade leiteira e o aspecto mais citado foi referente à infra-estrutura de produção, com 70,4%. Em seguida, com um percentual bem menor, foi mencionada a melhoria da alimentação dos animais e o melhoramento genético, com 40,7% e 33,3%, respectivamente.

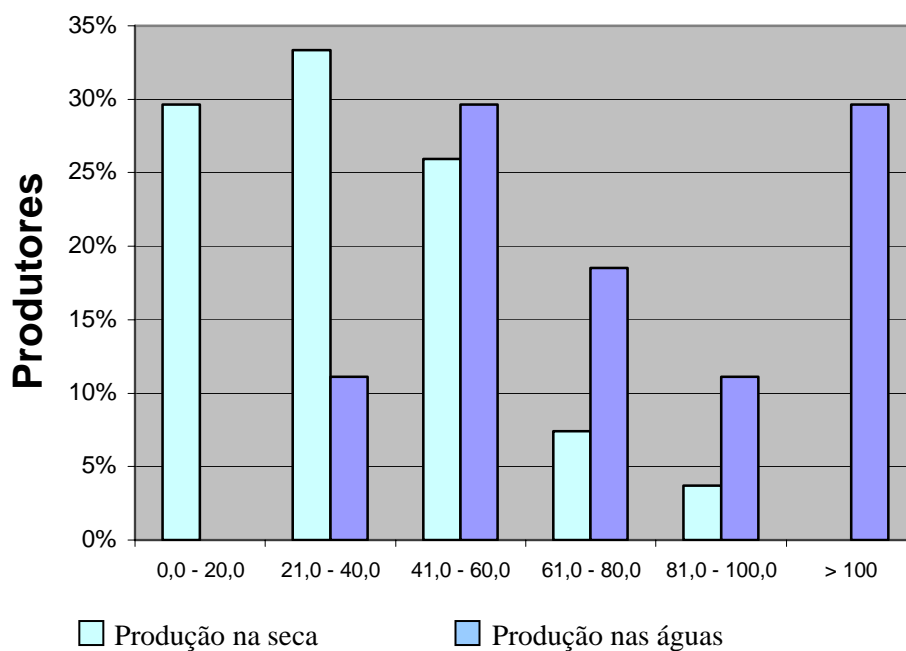


Figura 1: Produção de leite no período das águas e da seca dos produtores pesquisados da Associação Ações Unidas do Assentamento Anhumas. Fonte: Dados da pesquisa, 2006.

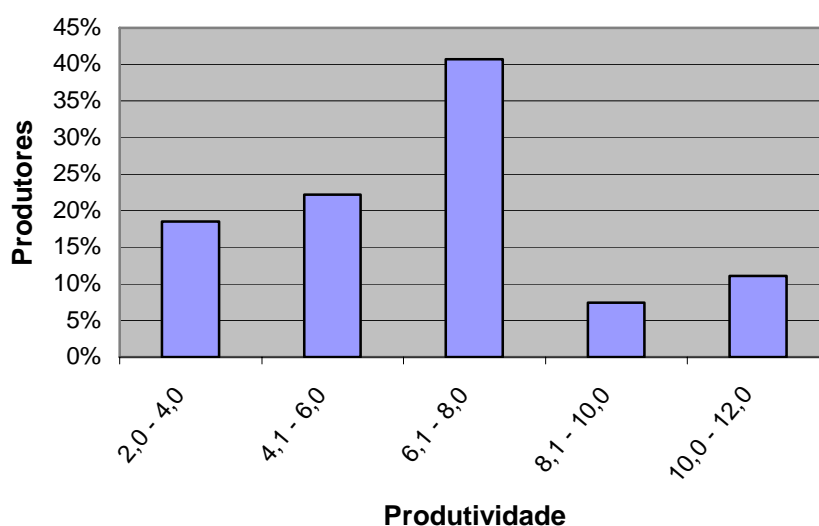


Figura 2: Produtividade de leite/vaca/dia referente a julho de 2006 dos produtores pesquisados da Associação Ações Unidas do Assentamento Anhumas. Fonte: Dados da pesquisa, 2006.

Pode-se concluir que a sazonalidade da produção de leite é muito acentuada, devido principalmente às deficiências de alimentação do rebanho na seca. Em relação à produtividade é preocupante o fato de que vários assentados tenham como reprodutores animais com aptidão de corte e

ao mesmo tempo têm realizado a reposição das matrizes a partir de seu próprio rebanho. Apesar destes problemas, alguns produtores começam a se estruturar para obter maior equilíbrio entre os períodos, havendo uma tendência de melhoria do padrão de tecnificação com o passar do tempo, embora possa aumentar as diferenças entre as famílias assentadas.

Referências

FONSECA, M. G., MORAIS, E. M. Indústria de leite e derivados no Brasil: uma década de transformações. *Informações Econômicas*, SP, 29:7-29. 1999.

MEDEIROS, L. S., ESTERCI, N. Introdução. In: MEDEIROS et al. Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar. São Paulo: Editora da UNESP, 1994, p.11-26.

RIBEIRO, E.M; GALIZONI, F.M. Trabalho, recursos naturais e estratégias de reprodução de agricultores na Zona da Mata Mineira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 42, 2004, Cuiabá. Anais...Cuiabá (MT): SOBER/UFRJ/UFMT/ Embrapa Florestas e Gado de Leite, 2004. Cd-rom.

YAMAGUCHI, L.C.T; MARTINS, P. C; CARNEIRO, A. V. Produção de leite no Brasil nas três últimas décadas. In: GOMES, A. T., LEITE, J. L. B., CARNEIRO, A. V. (Orgs). *O agronegócio do leite no Brasil*. Juiz de Fora: EMBRAPA, 2001. p. 33-48.

Bolsa: CNPq